

ESTUDO DE OPINIÃO PÚBLICA
SOBRE A COMUNICAÇÃO DA COVID-19
RESULTADOS PRELIMINARES

PREOCUPADOS, MAS CONFIANTES NA CIÊNCIA E NAS DECISÕES POLÍTICAS

Marta Entradas

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

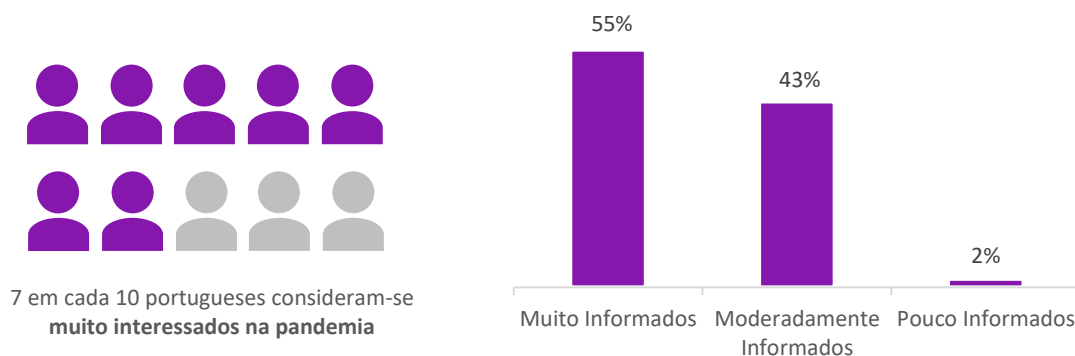
Estudo de opinião pública sobre a comunicação da COVID-19

Resultados Preliminares

Marta Entradas, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa
marta.entradas@iscte-iul.pt

Objetivo do estudo

As questões colocadas neste estudo de investigação à população, tiveram como objetivo perceber quais as fontes de informação que os Portugueses usam para se informarem sobre a COVID-19 e que confiança depositam nelas, quais as suas atitudes e perceções de risco da doença COVID-19, e níveis de confiança na ciência e cientistas para resolver a crise pandémica. Este estudo foi conduzido como parte de um projeto de investigação coordenado por Marta Entradas, Iscte, e financiado pela FCT¹.

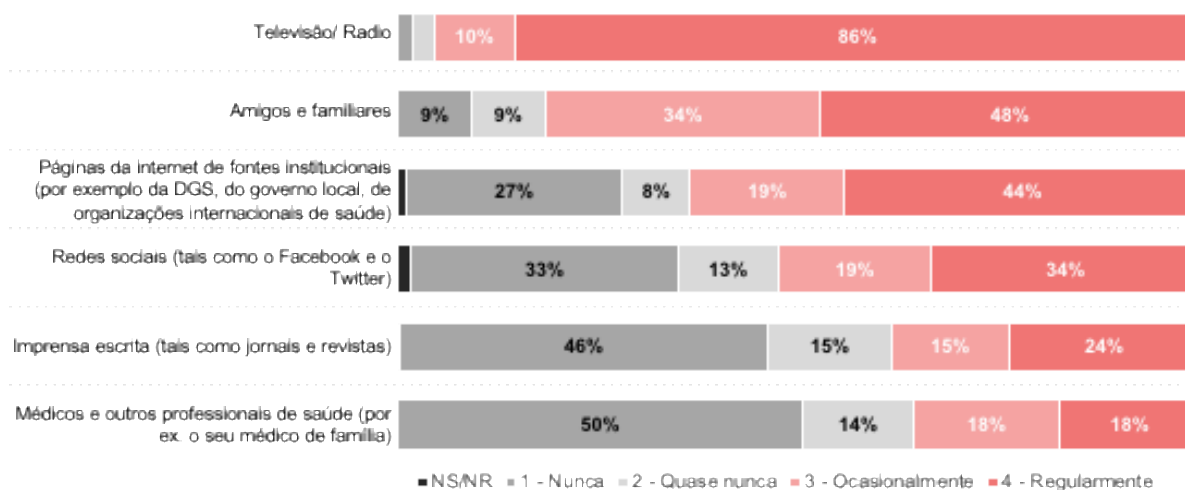


¹ OPEN - Envolvimento do Público em Ciência e Tecnologia por Organizações Académicas (PTDC/COM-OUT/30022/2017)

Fontes de informação sobre a pandemia

O estudo analisou primeiramente a exposição às fontes de informação. É através de notícias na televisão e na rádio que os portugueses obtêm com maior frequência informação sobre a COVID-19. Páginas de internet de fontes institucionais (exemplo, Direção Geral de Saúde, governo local, organizações internacionais de saúde) são também fontes utilizadas frequentemente, com maior penetração entre a população com menos de 55 anos. Apenas 2 em cada dez portugueses recorre frequentemente à imprensa escrita, já um terço da população recorre frequentemente às redes sociais (34%), estas últimas mais usadas por um espectro mais jovem (48% entre 18-34 anos diz utilizar regularmente as redes sociais para se informar sobre a pandemia); já a TV e a rádio são mais populares entre os grupos com 55 e mais anos.

Cerca de metade dos entrevistados (48%) diz ter recorrido regularmente a amigos e familiares, e apenas uma pequena minoria diz ter recorrido a médicos e profissionais de saúde (ex. o médico de família), em parte pela inacessibilidade destas fontes, medo de se deslocarem aos hospitais e cancelamento de consultas. Por outro lado, o isolamento reforçou o contacto com familiares e amigos próximos, ainda que online, e a novidade do tópico e incerteza, poderá também acentuar esta procura de informação naqueles que nos rodeiam, tal como se quiséssemos ‘ouvir de várias partes para não perder pitada’.



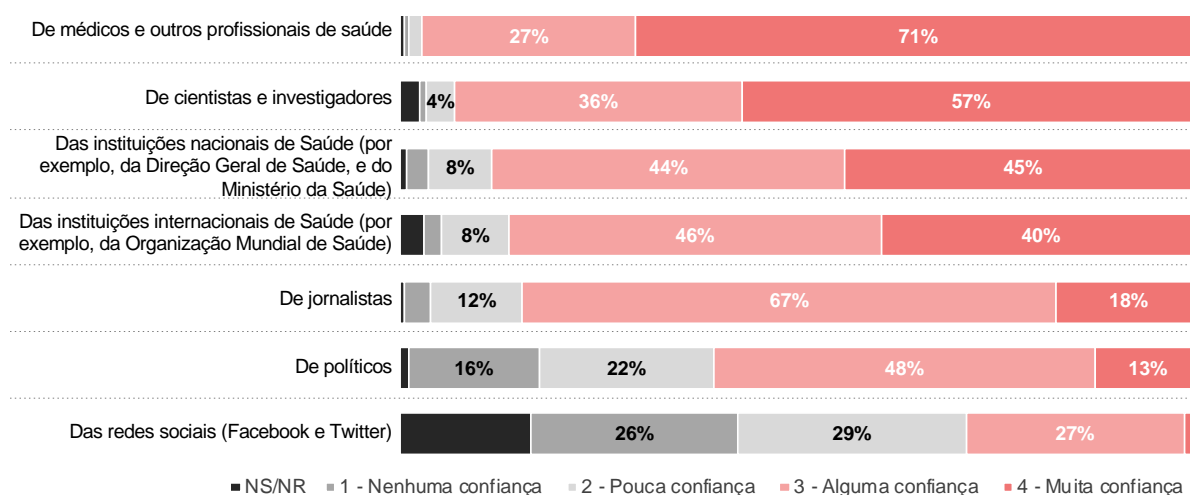
BASE: TOTAL (1411)

Figura 1. Fontes de informação sobre COVID-19. Pergunta: “Para cada uma das fontes que lhe irei ler, pedia-lhe que me dissesse com que frequência procurou informação em cada uma dessas fontes, na última semana?”

Confiança na informação

De uma forma geral, os portugueses parecem satisfeitos com a comunicação de informação sobre a COVID-19, apesar de muitos a considerarem alarmista e, por vezes, confusa e contraditória.

São as fontes científicas as que assumem maior reputação entre os Portugueses no que respeita a qualidade da informação sobre a COVID-19. Os “médicos e outros profissionais de saúde”, e os “cientistas e investigadores”, são considerados pela maioria dos portugueses as fontes mais credíveis, as mais claras na transmissão de informação, e as que veiculam informação mais útil. Também merecedores de confiança são os oficiais do governo, as instituições nacionais e internacionais de saúde, jornalistas e políticos, ainda que menos. Já relativamente à forma e conteúdo da comunicação, em geral a comunicação é considerada útil e clara, mas também alarmista, com 75% dos inquiridos a reconhecer que a comunicação tem gerado preocupação nas pessoas.



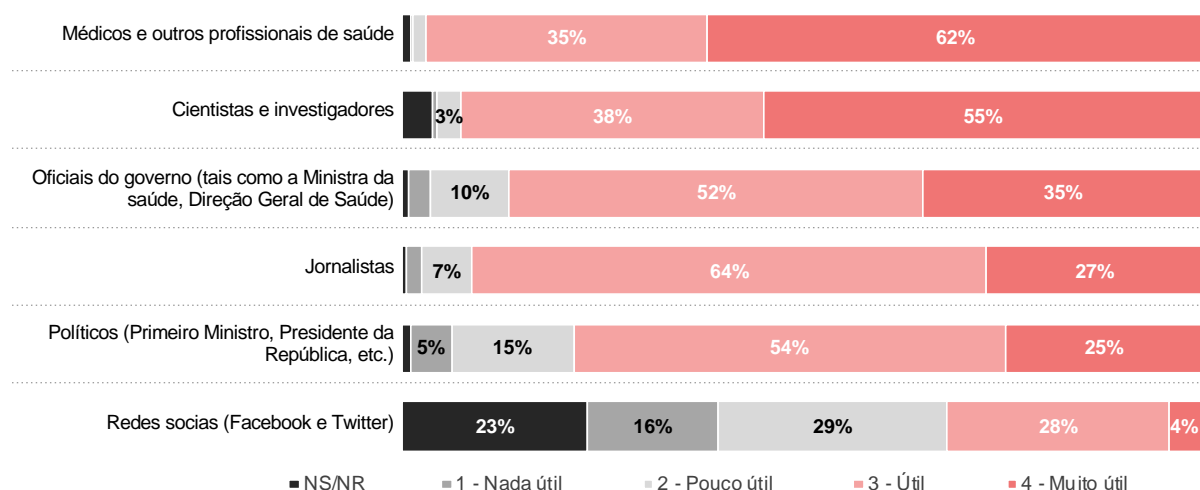
BASE: TOTAL (1411)

Figura 2. Nível de confiança nas fontes de informação sobre a COVID-19. Pergunta: Qual o nível de confiança que deposita na informação que recebe de cada um dos seguintes grupos?

No entanto parece haver indicação de que os portugueses consideram este nível de alarme transmitido adequado, já que 8 em cada 10 concordam que a comunicação tem sido adequada e a maioria discorda que haja exagero sobre os perigos do COVID-19. Esta concordância é maior entre os grupos com níveis mais elevados de instrução. Ainda assim, 4

em 10 dos inquiridos concorda que a mensagem tem sido “contraditória e confusa” e que os “os especialistas enfatizaram demais cenários negativos e catastrofistas”.

Já as redes sociais são consideradas a fonte de informação mais alarmistas e menos credível, o que poderá indicar alguma sensibilização da população para as chamadas *fake news*.



BASE: TOTAL (1411)

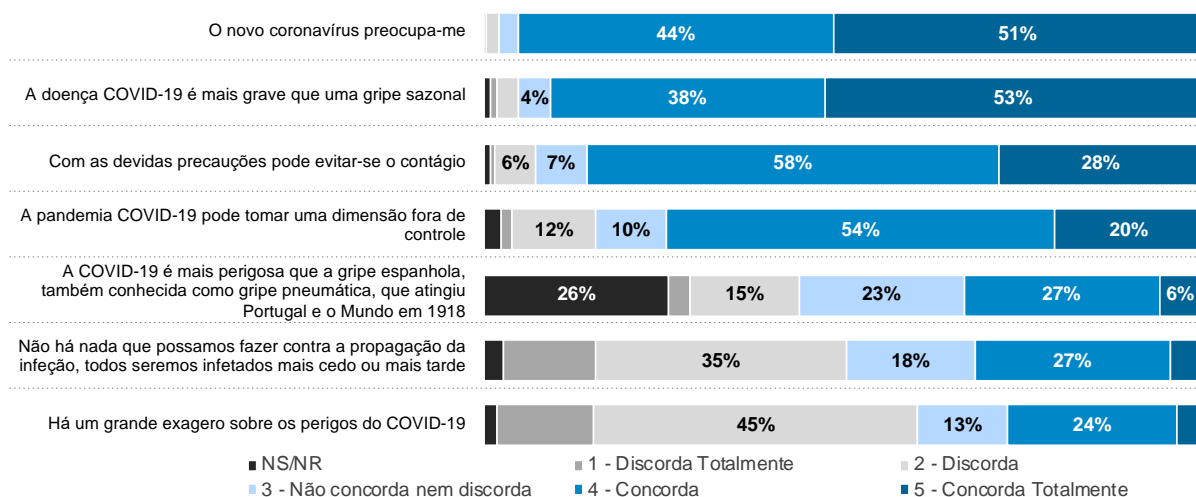
Figura 3. Utilidade da informação prestada por várias fontes. Pergunta: No que toca a contaminação e propagação da doença COVID-19, gostaria de lhe perguntar a sua opinião sobre a qualidade da informação que recebe de várias fontes. Q. Como avalia a utilidade da informação sobre a COVID-19, comunicada pelos seguintes grupos?

Perceções de risco

O risco de contrair a doença é iminente, mas o contágio pode ser evitado

A maioria dos portugueses considera esta pandemia grave e diz-se preocupado, considerando a “doença COVID-19 mais grave que uma gripe sazonal”, e acreditando que “a pandemia pode tomar dimensões fora de controle”. Esta preocupação é maior entre as mulheres, e entre os grupos com 65 ou mais anos, o que poderá ser em parte devido aos mais idosos e doentes crónicos serem apontados como grupos de risco, e a ênfase das notícias prevalecer sobre a elevada taxa de mortes entre estes grupos.

Mas é a faixa etária entre os 34-45 que mais acredita que a pandemia pode tomar proporções fora de controle, e que esta pandemia é pior do que a gripe espanhola de 1918, enquanto que os entrevistados com 65 e mais anos tendem a relativizar os perigos e dimensão da pandemia.



BASE: TOTAL (1411)

Figura 4. Perceção da gravidade da COVID-19. Pergunta: Q12. Vou agora ler-lhe algumas frases sobre a potencial gravidade da doença COVID-19. Gostaria que me dissesse o quanto concorda ou discorda de cada uma delas?

Confiança nas medidas adotadas pelo Governo

3/4 da população considera-se em risco de contrair a doença no futuro próximo e 2/3 de desenvolver doença grave. Ainda assim acredita que com as devidas precauções o “contágio pode ser evitado”, e acreditam no isolamento para evitar a propagação.

Talvez por isso a maioria tenha adotado com facilidade a generalidade das medidas preventivas recomendadas, como a lavagem das mãos e o distanciamento social (99% e 91% dos inquiridos a dizerem que o fazem frequentemente). Também a maioria evitou sair a rua na semana anterior ao estudo, e quando o fez, 7 em 10 usou máscara frequentemente e 4 em 10 usou luvas frequentemente, comportamentos que são mais comuns entre as mulheres. Ainda, 9 em 10 acredita que as restrições adotadas pelo governo Português foram adequadas, e 6 em 10 acham que as restrições deviam continuar por mais tempo (apenas 33% dizem que as restrições devem ser reduzidas).

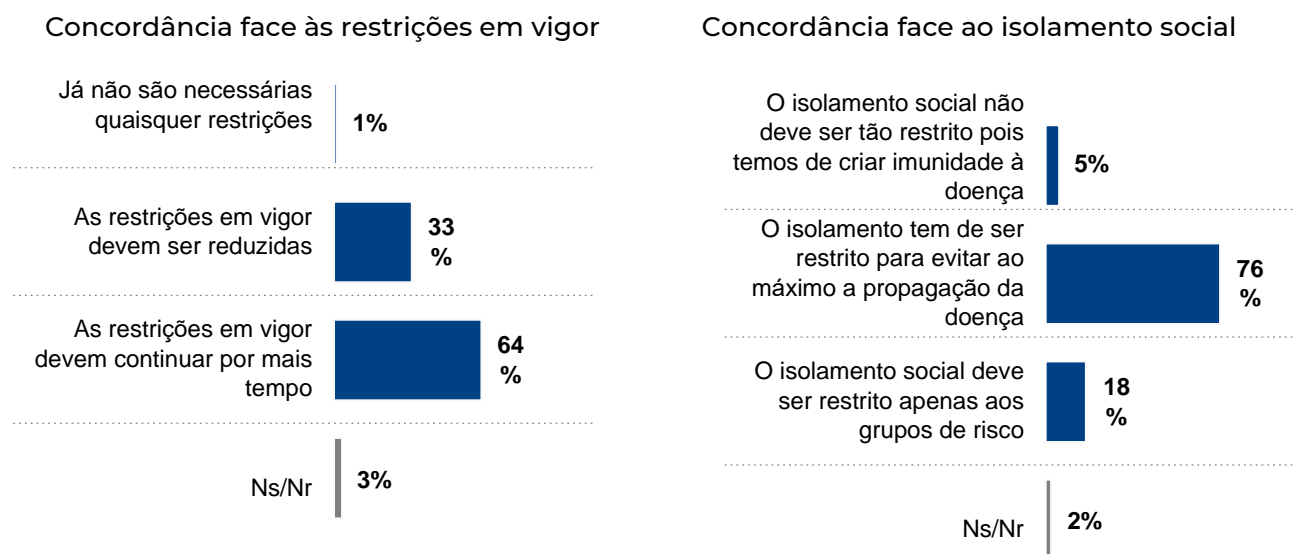


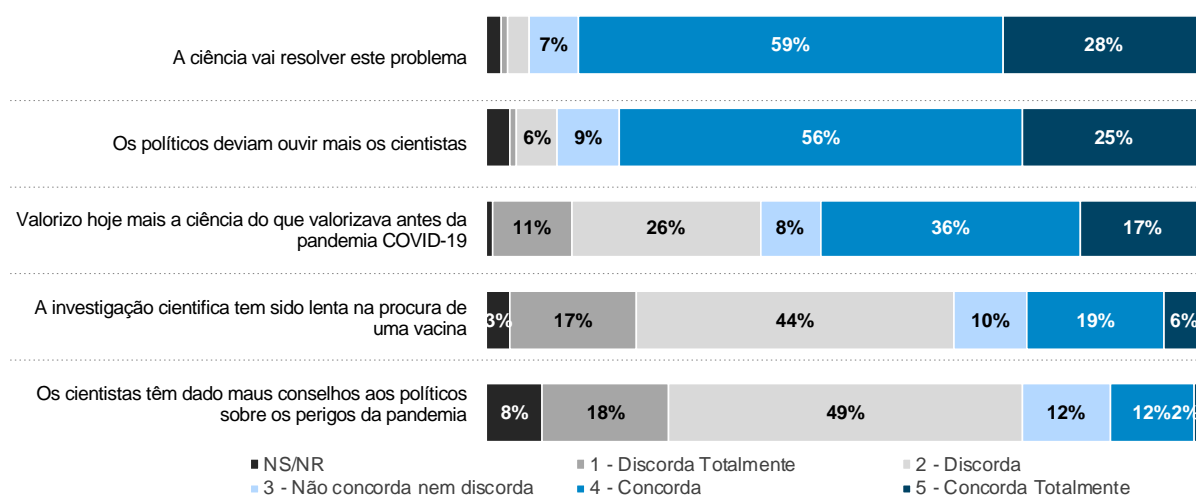
Figure 5. Concordância face às medidas adotadas pelo governo.

Pergunta (a). Em relação a medidas de abrandamento das restrições em vigor, qual das seguintes frases mais se aproxima da sua opinião? Pergunta (b). Sobre as políticas de isolamento social, qual das seguintes frases se aproxima mais da sua opinião?

Elevado nível de confiança na ciência

Um dos resultados principais deste estudo, é a confiança generalizada que os portugueses depositam na ciência e nos cientistas e investigadores, com a maioria a concordar que vai ser pela ciência que se resolverá este problema. 98% concorda que a ciência vai resolver este problema” e 53% dizem “valorizar hoje mais a ciência do que antes da pandemia”. Os portugueses parecem também valorizar o input da ciência na política: 82% acham que os “políticos deviam ouvir mais os cientistas”, que de uma forma geral “têm aconselhado bem os políticos nas medidas a adotar durante a pandemia”. O aumento na valorização da ciência é mais predominante entre os inquiridos com 65 e mais anos, e com níveis mais baixos de escolaridade, indicando um possível alcance pela ciência de grupos que em tempos e condições normais, estariam menos expostos à ciência.

Não obstante a confiança geral dos portugueses na ciência para resolver esta crise pandémica, quando questionados sobre a origem do vírus, as opiniões dividem-se – entre aqueles mais crentes na ciência e os descrentes, um pouco até mais conspirativos que tendem a concordar que o vírus resultou de experiências em laboratório, ou que é mesmo uma mensagem de Deus. Estas opiniões são mais predominantes entre os mais velhos (65 e mais anos) e menos escolarizados. Por exemplo, 52% entre 18-34 vs. 28% com 65 anos e mais, discordam que os desenvolvimentos da ciência foram a causa da pandemia.



BASE: TOTAL (1411)

Figura 6. Confiança na ciência. Pergunta: Relativamente às seguintes frases que lhe vou ler, diga me por favor o quanto concorda ou discorda com cada uma delas?

Ficha técnica

A informação foi recolhida através de entrevista telefónica, pela GfK Metris, entre os dias 29 de Abril e 12 de Maio de 2020. O Universo deste estudo é constituído pelos indivíduos com 18 e mais anos, residentes em Portugal Continental em lares com telefone fixo. Foram realizadas 1411 entrevistas, numa amostra proporcional à população portuguesa. A margem de erro é de 1,6% para um intervalo de confiança de 95%. Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruzou as variáveis Sexo, Idade, Instrução e Região.